

A reinvenção do Pantanal: abordagem ecocrítica do *Livro de Pré-Coisas*, do poeta brasileiro Manoel de Barros.

Ludovic Heyraud,

Universidade Paul-Valéry Montpellier III

ludovic.heyraud@gmail.com

Manoel de Barros é um dos poetas contemporâneos mais importantes do Brasil, e o mais lido. Nascido em 1916 em Cuiabá, no Pantanal (Estado do Mato Grosso), continua ainda hoje a escrever e publicar poesia. O *Livro de Pré-Coisas* (que vamos chamar *LPC*), que vamos aqui apresentar, foi publicado em 1985. É constituído por uma série de curtos fragmentos poéticos, alternadamente versificados ou em prosa, organizados em quatro partes. Na primeira, “ponto de partida”, o poeta anuncia a sua vontade de ir ao encontro da sua personagem, “Bernardo”, arquétipo do homem vivendo em total harmonia com o natureza. Na parte seguinte, intitulada “cenários”, é descrito o contexto do Pantanal matogrossense, de que o poeta é oriundo, e mais particularmente a sub-região chamada de “Pantanal da Nhecolândia”. A seguir, o poeta apresenta o personagem de Bernardo. Enfim, acaba o livro com uma “pequena história natural”, em que descreve alguns animais pantaneiros.

O editor Carlos Augusto Viana estima que “em Manoel de Barros se sedimenta a concepção da palavra como um organismo vivo: a palavra-vegetal, a palavra-animal”. Ora, segundo Stephanie Posthumus¹, a ecocrítica caracteriza-se pela sua perspectiva ao mesmo tempo ecológica e literária, e concebe a natureza como produto de estruturas linguísticas. Pode-se portanto estabelecer uma correspondência entre a concepção natural da palavra de Manoel de Barros e a abordagem ecocrítica dos textos literários.

Convém antes de tudo definir o que entendemos por ecocrítica, pois o conceito abrange várias tendências. BLANC, CHARTIER et PUGHE², no número da revista *Écologie et politique* dedicado ao estudo da ecopoética, distinguem duas principais : a abordagem

¹ POSTHUMUS, Stéphanie, « UNE APPROCHE ÉCOLOGIQUE : LES LIEUX D'ENFANCE CHEZ MICHEL TOURNIER », *Voix Plurielles, récits d'enfance, origines du récit, Revue de l'APFUCC* (Association des Professeurs de Français des Universités et Collèges Canadiens) vol.2, n°1, mai 2005.

² BLANC, Nathalie, CHARTIER, Denis et PUGHE, Thomas: “Littérature et écologie: vers une écopoétique”, *Écologie et politique*, 36/2008, p.17-28.

política, e a abordagem poetológica. Na primeira, o texto é considerado como um documento cultural, histórico ou político entre vários outros, e a sua especificidade estética tem menos importância. Relativamente ao nosso trabalho, vamos escolher a abordagem poetológica.

Segundo Neil Evernden³, em *The social creation of nature* (1992), “a crise ambiental que conhecemos necessita a realização de uma recriação dos elementos da natureza, e não a invenção de pretensas soluções”. Deste ponto de vista, tentaremos descobrir em que medida Manoel de Barros realiza uma recriação da natureza, no *LPC*.

Além disso, segundo Blanc, Chartier et Pughe, para recriar a natureza, é preciso criar uma poética ecológica que possa dizer a alteridade da natureza, sem a civilizar ou cultivar.

A primeira possibilidade seria portanto procurar na obra o carácter fiel da representação da natureza.

Mas mais do que isso, vai ser preciso analisar se existe no texto, o que Jonathan Bate⁴, em *The song of the earth* (2000), chama de « trabalho ecológico da escrita literária ». A eventual definição de um “valor ecológico” do texto teria desta maneira a ver com a observação, na escrita, de fenómenos visando a renovação do modo de representação.

Vamos apresentar os critérios da nossa análise:

Primeiro, Blanc, Chartier e Pughe evocam o conceito de descentramento: “le concept de décentrement semble toucher à l’essence du travail écologique de la littérature, [...] dans la mesure où il met en avant la nécessité de réinventer continuellement les façons par lesquelles la nature humaine s’inscrit dans la nature non humaine”. E explicam ainda que este conceito tende a reformar as práticas que dão à natureza um estatuto de objecto. Assim, tomar em conta o conceito de “descentramento” de uma visão demasiado antropocêntrica, participará do nosso estudo.

³ EVERNDEN, Neil, *The social creation of nature*, The John Hopkins Univ. Press, Baltimore & Londres, 1992.

⁴ BATE, Jonathan, *The song of the earth*, Harvard Univ. Press, Cambridge, 2000, p.200.

Em seguida, segundo François Gavillon⁵ (acerca de ecocrítica e ecoliteratura americana), convém deixar de pensar que conhecemos a realidade – e portanto a natureza – porque vivemos separados dela, mas que, pelo contrário, conhecemos a natureza porque fazemos parte dela. E na mesma óptica, Hayles⁶, no artigo “Searching for common ground” insiste nas duas noções de “interactividade” e “posicionalidade”. Ele explica que, se o Homem está no mundo, o Homem é ao mesmo tempo sujeito e objecto, e o seu destino não é alheio ao destino do mundo.

Será portanto fundamental definir em que medida Manoel de Barros desvenda no *Livro de Pré-Coisas* uma “visão descentrada” de um Homem que se sabe no mundo e do mundo, “na natureza e da natureza”, para examinar em que medida ele realiza uma reinvenção do quadro descrito.

Aliás, no primeiro texto do *Livro de Pré-Coisas*, chamado “Anúncio”, o poeta apresenta a sua obra, e mostra logo a sua vontade de “transfazer natureza”, o que equivale segundo ele a exprimir “pré-coisas de poesia”, usando “festejos de linguagem”. Além disso, indica que o livro “não é um livro *sobre* o Pantanal. Seria antes uma *anúncia*”. Portanto, desde o início deste “roteiro para uma excursão poética no Pantanal” (subtítulo do livro), vemos uma ligação íntima entre poesia, natureza e linguagem, para atingir a revelação de uma reinvenção do lugar descrito, o Pantanal da Nhecolândia⁷.

E neste empreendimento, o poeta avisa:

Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos.

Ele aparentemente não quer ser considerado como poeta, para aparecer mais como um homem simples, capaz de descobrir, nas folhas derrubadas, uma natureza que se revela a ele. Esta desconfiança para com a figura do poeta pode surpreender. Talvez se explique pela sua visão da civilização, que vamos agora analisar. Com efeito, vamos ver que o poeta, na sua vontade de reinventar a natureza, afasta-se primeiro da civilização.

⁵GAVILLON, François, « Écocrítique et écolittérature américaines à l’heure (post ?) postmoderne, *Écologie et politique*, 36/2008, Editions Sylepses, p. 85-97.

⁶HAYLES, N.K., « Searching for common ground », in M.E. Soulé et G. Lease, *Reinventing nature? Responses to postmodern deconstruction*, Island Press, Washington D.C., 1995.

⁷A região da Nhecolândia é uma das dez sub-regiões do Pantanal matogrossense.

I A visão da civilização

No poema “Narrador apresenta sua terra natal”, podemos ler os versos seguintes:

Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce
por dentro deles um desejo de árvores e aves.
Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o
verdor primal das águas com as vozes civilizadas.

E quando nos é apresentado Bernardo, alter ego do poeta, vemos no texto “no tempo de andarilho” o grande desprezo dele pelo “valor-trabalho”, próprio da civilização moderna:

Enquanto as águas não descem e as estradas não se mostram, Bernardo trabalha pela bóia.
Claro que resmunga. Está com raiva de quem inventou a enxada.

Com efeito, Bernardo, “trabalha” somente quando a região se encontra inundada pelas chuvas.

Seis meses, durante a seca, anda. Remói caminhos e descaminhos. Abastece de pernas as distâncias. E quando as estradas somem, cobertas por águas, arrancha.

E o poeta elogia esta atitude dele:

Vagabundear é virtude atuante para ele. Nem é um idiota programado, como nós.

Além disso, no texto *No serviço*, Bernardo explica na primeira pessoa o seu trabalho na fazenda:

O que eu faço é servicinho-à-toa. [...] O que eu ajo é tarefa desnobre. Coisa de nove noves fora: [...]No meu serviço eu cuido de tudo quanto é mais desnecessário nessa fazenda.

Contudo, se ele se recusa a ter um trabalho “produtivo”, mostra-se ainda assim muito activo.

E as suas actividades caracterizam-se no mesmo texto por um cuidado minucioso pela natureza que o circunda:

[...]Arrumo paredes esverdeadas pros caramujos foderem. separo os lagartos com indícios de água dos lagartos com indícios de pedra. [...] Sou objeto de roseiras. Cuido dos súcubos e dos narcisos. E quando cessa o rumor das violetas desabro. Derrubo folhas de tarde. [...]Amo desse trabalho.

Considera portanto indistinctamente como “seres” as plantas e os animais, e dedica-se a eles.

Na sua vontade de « transfazer natureza », pode-se dizer que Manoel de Barros encena assim um universo muito afastado da civilização moderna. Vamos ver além disso que ele também parece querer afastar-se do tempo presente, para regressar a um « antes ».

II A recriação pela vontade de regressar a um antes :

Pode-se dizer primeiro que o *LPC* se radica num Pantanal apresentado como um lugar das origens. No texto “Narrador apresenta sua terra natal”, podemos ler:

Há vestígios de nossos cantos nas conchas
destes banhados.

E no texto *Nos primórdios*, é descrito de novo um Pantanal primordial:

Era só água e sol de primeiro este recanto. [...] As coisas ainda inominadas. Como no começo dos tempos.

Esta dupla saudade do passado e da geografia do lugar acompanha-se, como se pode ver, de uma vontade de regresso a uma “pré-linguagem”. De facto, o carácter « inominado » das “coisas” remete para um momento anterior à relação existente entre significado e significante, o momento das “pré-coisas” que dão o seu título ao livro. E vamos ver que Manoel de Barros vai realizar um regresso a essas “pré-coisas”. De facto, tanto o narrador como o próprio Bernardo vão frequentemente recriar a linguagem. Surgem assim na obra inúmeros neologismos. O rio Paraguai é “empeixado”; no Pantanal a régua é “existidura de limites”; enquanto “nem folha se move de árvore” num “vespral de chuva”.

Aparecem igualmente imagens sinestésicas. No texto *Vespral de chuva*, justamente é dito que “a voz de certos peixes fica azul”, e em “Mundo renovado”, pode-se ler:

“a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde.”

Além disso, o poeta encena crianças nos seus poemas, para poder recorrer a uma linguagem infantil, também alheia à relação significado-significante. Lemos no texto “Narrador apresenta a sua terra natal”:

- Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem- o menino falou.

Enfim, na última parte do livro, chamada “Pequena história natural”, Manoel de Barros descreve uma ave, o “*Socó-boca-d’água*”:

Desse pássaro ninguém sabe muito. Ouço que mora na gravanha – ou no gravanha. Sabendo ninguém o que seja gravanha.
A palavra é bonita e selvagem. Não está registrada nos léxicos. Ouço nela um rumor de espinheiro com água. Tem tudo para ser ninho e altar de um socó-boca-d’água.

Numa parte que se pretende objectivamente descritiva (« história natural »), o poeta inclui a sua própria subjectividade, já que escolhe uma palavra que não conhece mas que acha bonita. Recria assim a natureza porque literalmente rebaptiza os elementos que a constituem. Mas a recriação do Pantanal da Nhecolândia não se limita a este regresso geográfico-linguístico-temporal. Manoel de Barros opera na obra uma verdadeira reinvenção do ambiente pela encenação de contactos inéditos entre todos os seres vivos, resultando esses contactos no surgimento de seres híbridos e / ou metamorfizados.

III Recriação pela encenação de contactos, de seres híbridos e / ou metamorfizados

No texto “Lides de Campear”, em que Manoel de Barros define o que é um pantaneiro, podemos ler :

Sente-se pois que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta.

Estas frases revelam assim um contacto ontológico entre o homem do Pantanal e as outras espécies vivendo na natureza. Poderiam ser consideradas como um verdadeiro manifesto para encarar de maneira igual todos os seres vivos, no âmbito de recriar relações harmoniosas.

A seguir, o contacto com a natureza cristaliza-se no *LPC* na pessoa de Bernardo, figura arquetípica do homem em comunhão com a natureza, à procura de quem o poeta-narrador viaja no início do livro. Vamos ver que ele se funde na natureza. As expressões que seguem são excertas da sua descrição pelo narrador, no primeiro texto em que aparece, chamado “No presente” :

[...] Repositório de chuva e bosta de ave é seu chapéu.
[...] É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. Seu instinto seu faro vão na frente.
Foi resolvida em língua de folha e de escama, sua voz quase inaudível. É que tem uma caverna de pássaros dentro de sua garganta escura e abortada.

Bernardo é assim aqui apresentado como um ser híbrido, nascido de interações e imbricações com a natureza. Vamos ver que a hibridização é muito frequente na obra. No texto “Agroval”, o poeta descreve uma arraia que se enterra no chão, durante o período da

seca. E descreve depois de maneira extremamente singular os processos naturais que se operam:

[...] Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural.

Nascem literalmente desta “química do brejo”, ao mesmo tempo seres híbridos indeterminados, como “bulbos de cobras” ou “um olho de árvore”; e relações fortes de colaboração, aliás descritas com expressões normalmente reservadas às sociedades humanas: Aparecem assim “troca de favores” e “mutualismo”. Ademais, surgem o que poderíamos chamar de potencialidades: surgem “embriões de atos” e “germes de ideias de convivência”.

Neste contexto, o ser humano tem, pelo intermediário do poeta, um estatuto de observador maravilhado pelo mundo hibridizado e harmonioso que descobre. É assim reinventado, recriado um mundo caracterizado por um reposicionamento, um descentramento da figura do Homem. Este último participa doravante simbolicamente das interações e transformações entre todos os seres vivos.

Enfim, vamos evidenciar no *LPC* a vontade do poeta de reinventar uma natureza em que os seres metamorfozados se mostram omnipresentes.

De facto, podemos dizer de Manoel de Barros em *LPC* o que Sartre⁸ dizia do poeta Aimé Césaire:

Césaire [...] végétalise, animalise la mer, le ciel et les pierres. Plus exactement, sa poésie est un accouplement perpétuel de femmes et d’hommes métamorphosés en animaux, en végétaux, en pierres, avec des pierres, des plantes et des bêtes métamorphosées en hommes.

Um trecho que se pode citar para analisar este fenómeno é o próprio texto “*Livro de Pré-Coisas*”, supostamente escrito por um “irmão” do poeta, um “ente irresolvido entre vergôntea e lagarto”. Manoel de Barros explica, acerca dele:

Deixou-nos um *TRATADO DE METAMORFOSES* cuja Parte XIX, *Livro de pré-coisas*, transcrevemos.

Deste texto transparece obviamente a leitura das *Metamorfoses* de Ovídio. Aliás, este livro no livro revela-se extremamente singular. Apresenta um conjunto de curtos fragmentos,

⁸ SARTRE, Jean-Paul, « Orphée noir », *Situations, III*, Gallimard, Paris, 1949, p. 269.

às vezes muito semelhantes ao Haiku japonês. São neles encenados seres híbridos, metamorfozados, à imagem do próprio autor do texto. Podemos ler por exemplo este verso solto:

Essa abulia vegetal sapal pedral – não será de ele ter sido ontem árvore?

A irresolução deste ser desvenda um universo em constante mutação. E a “abulia” mostra ademais que a entidade não é sucessivamente um ou outro ser vivo, mas pode ser ao mesmo tempo um pouco de cada um.

Mais geralmente, surgem em toda a obra numerosas metamorfoses, entre as quais metamorfoses em seres humanos. Consistem, por parte do poeta, na atribuição de características humanas ao não-humano. Os rios são várias vezes assimilados a homens: “o rio Paraguai flui entre árvores com sono...”, enquanto outro rio, o Taquari,

Está sesteando debaixo das árvores. Se entorna preguiçosamente e inventa novas margens.
[...] Descansa uns dias debaixo das pimenteiras, dos landis, dos guanandis – que agradecem.

No texto “Vespral de chuva”, as formigas “dormem nuas”, e fala-se da “alma das árvores” enquanto “Lua e árvore se estudam de noite” num jardim que está a “pensar em florescer”.

E na última parte do livro “Pequena história natural” são estabelecidas analogias sem fim entre animais e homens: o “socó-boca-d’água” “cisma até com a sombra das borboletas”, o “quero-quero” “é pássaro mais de amar que de trabalhar”, e no texto “A nossa garça”, o poeta pergunta-se se elas não são “viúvas de Xaraés”, sendo os Xaraés indígenas que antigamente habitavam a região. Além disso, acha que “têm nostalgia de mar estas garças pantaneiras”. Mas no fim duma descrição extremamente lírica, de repente afirma o poeta:

(Acho que estou querendo ver coisas demais nestas garças. Insinuando contrastes – ou conciliações? – entre o puro e o impuro etc. etc. Não estarei impregnando de peste humana esses passarinhos? Que Deus os livre!)

Barros mostra-se aqui, com muito humor, ciente dos limites de metamorfizações que podemos qualificar de antropocêntricas. Com efeito, a reinvenção da natureza pode nesses casos não ser portadora de igualdade e harmonia, mas produzir pelo contrário uma certa

aculturação. Mas existe no *LPC* o processo contrário, o das metamorfoses do homem em animais ou vegetais.

O texto “Na mocidade, feito lobisomem” contém um exemplo muito humorístico desses fenômenos:

Quem termina de inteirar cem anos vira serepente. Foi o caso de uma velha Honória.
[...] Heróis gregos viravam de rochas de anêmonas de água — frequentemente. Porém desviravam logo, ao primeiro gesto de amor.
Velha Honória parece que não pretende desvirar. Nem que a chamem de *Darling*.

Em seguida, o personagem de Bernardo explica na primeira pessoa nos textos “A volta” e “A fuga” os seus desejos de metamorfoses. Explica que tem “pretensões par tordo” e que, na opinião dele, “é pelo olho que o homem floresce”.

Enfim, são evocados no texto “Um amigo”, em que é retratado o cágado, momentos da história do mundo de modo extremamente surpreendente:

quando metade da terra estava por decidir se seria de pedra ou de água – já estava decidida a sua desforma [do cágado]. E quando ainda ninguém ousava de prever se o inseto nasceria de uma planta ou de uma larva – já ele estava deformado e pronto.

Descobrimos assim a cosmogonia barrosiana, que confere à natureza o que poderíamos definir como um “livre arbítrio primordial”, na aparente escolha de um estado animal ou vegetal, líquido ou mineral. Ora, segundo A. Jean-Philippe, num artigo intitulado «*Réflexions sur quelques phénomènes de mimétisme*», publicado em 1943 no jornal *Tropiques*, «*Le transformisme signalerait une intuition de l’unité profonde de la nature*», nature qui «*parsème notre route de fleurs-insectes, d’animaux-plantes, d’êtres hybrides en rupture de règne, en rupture de classe, en rupture d’identité –mais vivant passionnément la grande aventure de la vie.*» Podemos igualmente considerar que Manoel de Barros, na descrição de um universo em perpétuas transformações, transmite essa visão da unidade profunda do mundo.

E Ursula Heise⁹, num artigo relativo às metamorfoses na poesia d’Aimé Césaire explica primeiro, ao estabelecer um paralelo entre metamorfização e reflexão ecológica, que o movimento ecologista privilegiou inicialmente a visão de um mundo estável e homeostático,

⁹ HEISE, Ursula, K., «*Surréalisme et écologie : Les métamorphoses d’Aimé Césaire*», in *Écologie & Politique*, 36/2008, Editions Syllepse, Paris, 2008, p. 69-83.

sendo a homeostasia a tendência dos seres vivos em manter constantes os seus parâmetros fisiológicos.

Mas ela cita depois o biólogo americano Daniel Botkin, segundo o qual a ciência biológica tem hoje uma concepção muito mais dinâmica da ecologia. O dinamismo parece assim agora intrínseco e natural a diversas escalas temporais e espaciais da biosfera. À luz dessas asserções, pode-se concluir que a escrita poética de Manoel de Barros, pela reinvenção simbólica de uma natureza dinâmica, se inscreve numa visão da biosfera que pode aparecer como cientificamente válida.

Vimos assim nesta comunicação que Manoel de Barros usa de vários recursos para simbolicamente reinventar e recriar o Pantanal. Na nossa perspectiva ecocrítica, podemos dizer que realiza um descentramento da figura do Homem, ao mesmo tempo que o descreve imbricado numa teia de interações com os outros seres vivos. Podemos considerar que ele, de certa maneira, fecunda a língua em poesia, uma poesia da fecundidade e do dinamismo do ambiente. O poeta Manoel de Barros encena assim, num pantanal-receptáculo uma arte de ser, de ser todos juntos e de ser um pouco de tudo e de todos, retratando deste modo a assimidade ideal do mundo.

Bibliografia:

- BATE, Jonathan, *The song of the earth*, Harvard Univ. Press, Cambridge, 2000, p.200.
- BLANC, Nathalie, CHARTIER, Denis et PUGHE, Thomas: “Littérature et écologie: vers une écopoétique”, *Ecologie et politique*, 36/2008, p.17-28.
- EVERDEN, Neil, *The social creation of nature*, The John Hopkins Univ. Press, Baltimore & Londres, 1992.
- GAVILLON, François, « Écocritique et écolittérature américaines à l’heure (post ?) postmoderne », *Écologie et politique*, 36/2008, Editions Sylepses, p. 85-97.
- HAYLES, N.K., « Searching for common ground », in M.E. Soulé et G. Lease : *Reinventing nature? Responses to postmodern deconstruction*, Island Press, Washington D.C., 1995.

- HEISE, Ursula, K., « Surréalisme et écologie : Les métamorphoses d'Aimé Césaire », *Écologie & Politique*, 36/2008, Editions Syllepse, Paris, 2008, p. 69-83.
- JEAN-PHILIPPE, A., « Réflexions sur quelques phénomènes de mimétisme », 1943, *Tropiques*, Fort de France.
- POSTHUMUS, Stephanie, « Une approche écologique : les lieux d'enfance chez Michel Tournier », *Voix Plurielles, récits d'enfance, origines du récit, Revue de l'APFUCC* (Association des Professeurs de Français des Universités et Collèges Canadiens) vol. 2, n°1, mai 2005.
- SARTRE, Jean-Paul, « Orphée noir », *Situations, III*, Gallimard, Paris, 1949, p. 269.